

PSICODRAMA EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Práticas e reflexões

Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler
Regina Fourneaut Monteiro
(ORGS.)



PSICODRAMA EM ESPAÇOS PÚBLICOS
Práticas e reflexões
Copyright © 2014 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Saete Del Guerra**
Capa: **Alberto Mateus**
Imagem da capa: **iStockphoto**
Ilustrações do capítulo 10: **Ricardo Guerra Florez**
Produção editorial: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

- Abertura – Socioterapia porque ninguém fica louco sozinho 7
Marisa Nogueira Greeb
- Prefácio – Relembrando a história e o sentido do psicodrama público no Centro Cultural São Paulo 11
Antonio Carlos Massarotto Cesarino
- Apresentação – Era uma vez 15
Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler e Regina Fournaut Monteiro
1. Parece mágico. É que a vida é mágica: envolve, contagia e transforma 19
Maria Alice Vassimon, Maria Célia Malaquias e colaboradores
2. Em cena – Tempos de cuidar... 33
Marília J. Marino
3. Morte e tragédia pública – Sociodrama construtivista de desastres com EMDR 43
Ana Maria Fonseca Zampieri
4. Psicodrama público – O trabalho nos dias de hoje 51
Yvette Datner, Natália Giro e Denise Nonoya
5. O que é psicodrama público? Reflexões sobre uma prática em Campinas e em Cuba 57
Júlia Maria Casulari Motta
6. O que me protege é também o que me faz sofrer 67
Silvamir Alves

7. Preço e/ou apreço – Jornal vivo como dispositivo ou contradispositivo? 77
Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler
8. A dramaturgia no psicodrama 91
Valéria Arantes Barcellos
9. Um maestro cênico ou diretor de psicodrama público 99
Cida Davoli
10. Ítacas – Uma experiência psicodramática
pelos espaços do Centro Cultural São Paulo 105
Cláudia Clemente Fernandes e Ricardo Guerra Florez
11. Preparo para a ação dramática – “Aquecimento” 115
Regina Fournaut Monteiro
12. Etapa de comentários – O exercício do pensamento em *status nascendi* 125
Terezinha Tomé Baptista
13. A utopia moreniana no Centro Cultural São Paulo 131
Márcia Almeida Batista
14. O sociopsicodrama público como prática de liberdade –
Tem uma pedra no meio do caminho suave 137
Rosane Rodrigues
15. A materialidade política do sonho 145
André Marcelo Dedomenico
16. Segurança alimentar e sustentabilidade – Quem sobreviverá? 153
Ceres Maria Campolim de Almeida
17. Tempo, sonho, trabalho e reencantamento –
Temporalidades psicodramáticas para a contemporaneidade 163
Pedro D’Ávila Mascarenhas

ABERTURA – SOCIOTERAPIA PORQUE NINGUÉM FICA LOUCO SOZINHO

Marisa Nogueira Greeb

Na vida, pautei-me sempre na confiança, na cidadania e no rompimento de barreiras – portanto nos movimentos coletivos. Participei ativamente dos movimentos estudantis. Formei-me em Psicodrama, e agradeço a Iris Azevedo por me introduzir nessa área de conhecimento. Acreditando que as lutas são políticas, me integrei no sociodrama por perceber que a loucura é uma produção social de uma subjetividade capitalística. Fui atravessada pelos pensadores que tratam a questão dessa política de produção de subjetividades, como Heráclito, Espinosa, Nietzsche, Marx, Foucault, Deleuze, Guatarri, Proudhon, Chomsky, Gramsci e Moreno, com sua metodologia sacionômica. Quando soube que o congresso do Partido Comunista, em 1912, optou pelo materialismo histórico e não pelo materialismo dialético, fiquei surpresa, pois a história do mundo poderia ter sido outra – ficamos travados no domínio do Estado de um lado e pelas grandes corporações de outro. Parafraseando Heráclito, creio que somos seres múltiplos, sendo nossa subjetividade formada na relação com o mundo e com a cultura na qual estamos inseridos. Deleuze chegou a chamar a subjetividade de “dobra do fora”, e penso que é ela o que nos enlouquece. Assim como entendo hoje a leitura do projeto sacionômico de Moreno e suas implicações em busca da psiquiatria.

Desse ponto de vista, entendo que a consciência se faz na *polis* como reflexo do mundo, compromete-se com a diferença que se quer expressão e rompe com dado modelo de humanidade.

Portanto, não se trata de melhorar a humanidade, mas de ressoar como ruptura dos paradigmas da forma do homem tal como foi concebido na Grécia socrática. Diz Nietzsche: “O homem está doente”. Mas qual é a doença dele? A resposta de Nietzsche é que a doença é o homem, ou melhor, a forma de homem que ele construiu para si mesmo. Diz Foucault que o homem é uma invenção recente e, na verdade, está morrendo. Foucault é um herdeiro direto de Nietzsche nesses termos e, quando constatou que o homem está morrendo, referia-se à ideia de que o homem, tal como o conhecemos – nas configurações moral, científica, religiosa e psíquica –, está com os dias contados. Quando essa forma de homem morrer, não chorem, pois não valerá a pena, afirma Foucault.

O que quero dizer é que o sociopsicodrama público se faz em ato transformador quando permite ao cidadão questionar-se a respeito dessa forma de homem produzida, e assim outro cidadão se torna possível. É a introdução da possibilidade de outramento.

Acredito, aliada a esse pensamento anarquista e moreniano, que o sociopsicodrama público é um processo eticopolítico de intercessão social baseado em atos experimentais de revitalização da condição cidadã e de reativação de desejos despotencializados. Prefiro intercessão em vez de intervenção. Interceder é colocar-se no lugar do outro e pleitear sua causa como se fosse própria. Lembramos aqui a experiência do psicodrama das Diretas Já, marco importante de finalização da ditadura e momento inaugural do psicodrama público no Brasil realizado no Vale do Anhangabaú.

Prosseguindo nesse desejo de revitalização cidadã, atuamos em várias secretarias municipais na gestão de Erundina e de Marta, isto é, em espaços públicos por excelência. Na Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) trabalhamos com os grevistas que exigiam o retorno ao trabalho depois de ser demitidos por Jânio. Demissões feitas de maneira gratuita, porque militância não se cobra. Por reconhecimento, recebi o Atestado de Notório Saber e, pela Escola Role Playing, o Atestado de Notória Especialização.

Em Porto Alegre, participamos de todos os fóruns sociais realizando sociopsicodramas.

O Psicodrama da Cidade (2001) foi uma consequência do percurso que percorríamos na Escola Role Playing. Nos anos 1980, Marcelo Zelic, um aluno nosso que morava na favela, começou a sociopsicodramatizar nas comunidades da periferia de São Paulo. Hoje, é vice-presidente do Tortura Nunca Mais e organizador do Armazém Memória. Fui uma das organizadoras da Ação Popular (AP), criada em 1961 e calcada na crítica que fizemos aos 13 partidos existentes na época. Em seguida, fui militante do PT, desde sua constituição. Presidi também a Fundação Wilson Pinheiro (depois substituída pela Fundação Perseu Abramo).

Marta Suplicy, conhecendo minha trajetória, convidou-me para uma reunião com seis companheiros, antes de sua posse como prefeita, na qual seria discutida a questão da ética em sua gestão, e propôs a realização de um grande psicodrama em São Paulo. Aceitei o convite e me propus a realizar o Psicodrama da Cidade e não na cidade. Logo pensei no grupo dos 11 idealizado por Brizola: cada um dos 11 iniciais buscaria mais 11 e assim por diante. Apliquei esse esquema e chegamos a 700 psicodramatistas! A equipe básica era de seis pessoas: Daniela Greeb, Vanessa Labigalini, Isabel Dantas, Valéria Grzywacz, Marcelo Zelic e eu. Levantamos todos os pontos da cidade, cobrindo todo o território. À medida que a população era informada, mais pontos eram ampliados de acordo com a demanda. Cui-

damos também de nossa rede com encontros para acompanhamento e reflexão, com um grande seminário sobre ética no Tuca, pois o foco seria o psicodrama da ética. Como trabalharíamos na rua com a população, achamos necessário fazer o psicodrama dos psicodramatistas, inaugurando nossas ações no Centro Cultural São Paulo (CCSP).

Para nossa alegria, o Psicodrama da Cidade foi uma ação disruptiva porque rompeu modos conservadores de tratar a cidade; revolucionária, porque nos 153 pontos de São Paulo foi semeado, ao mesmo tempo, o desejo de ações cidadãs; feliz, porque gerou alegria, vontade de viver e ampliou a potência criativa; terapêutica, porque levou à busca da superação das forças ressentidas da vítima e ao resgate das forças ativas e criativas; e, ainda, foi uma ação desencadeadora de novos fluxos, porque um movimento foi iniciado¹. Também deu continuidade aos sociodramas públicos com perueiros, atores, videntes públicos e em várias cidades do estado de São Paulo, com resultados transformadores para a vida desses cidadãos².

O Psicodrama da Cidade produziu desdobramentos como o primeiro sociodrama público da América Latina, com cinco países da Europa nos apoiando por “Uma outra América possível”. Esse trabalho foi publicado pela Universidade do México (Bello, 2004).

Fico feliz por abrir este novo livro que pretende socializar experiências, desejando a multiplicação dessa práxis em todo o território nacional e – por que não? – mundial.

Referência bibliográfica

BELLO, María Carmen. *Primer sociodrama público y simultáneo de América Latina: escenas de los pueblos*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004.

1. Para saber mais, acesse: <www.armazemmemoria.com.br/psicodramadacidade>. Acesso em: 12 jun. 2013.

2. Disponível em: <www.relacionais.org.br>. Acesso em: 14 jun. 2013.

PREFÁCIO – RELEMBRANDO A HISTÓRIA E O SENTIDO DO PSICODRAMA PÚBLICO NO CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

Antonio Carlos Massarotto Cesarino

Em 21 de março de 2001, foram realizados psicodramas públicos em 153 pontos da cidade de São Paulo, com a participação de milhares de pessoas¹. Houve grande repercussão do acontecimento. Na imprensa falada e escrita, algumas manifestações foram negativas, equivocadas ou de má-fé. Por essa razão, escrevi um texto que foi publicado na *Folha de S.Paulo* em 7 de maio de 2001. Nele, tentei esclarecer aos leitores do jornal sobre o que havia se passado e a relação entre esse acontecimento e o momento histórico paulista e brasileiro. Acredito que esse documento ainda é atual na medida em que tenta situar de maneira sucinta o que é o psicodrama desde sua criação, no início do século XX, até hoje². Por isso, gostaria de lembrar alguns de seus trechos (Cesarino, 2001a):

O psicodrama é uma maneira de trabalhar com grupos de forma terapêutica, pedagógica e investigativa [...].

No Brasil o psicodrama surgiu com força durante o período mais terrível do regime militar – fim dos anos 1960 e início dos 1970. Era a época em que se desenvolvia a contracultura, em que se questionavam posturas até então inquestionáveis [...]. As grandes modificações na vida econômica e política que fizeram o caminho para a globalização e o que ela tem de destrutiva e predatória são a continuação dessa história. Essa volta ao individualismo, no seu pior sentido, paralela a um estímulo crescente ao consumismo é o corolário dessa cultura globalizante [...]. Quanto mais essa face do capitalismo se desenvolve e se arraiga, mais se implanta na mente das pessoas esse individualismo/egoísmo, determinando que a vida e o destino de cada um são obra dele mesmo. A consequência desse pensamento é que não é necessário ser solidário, a comunidade é uma ficção. A ética nesse caso se resume ao interesse pessoal. Não se cogita a cidadania, logo não se necessita do Estado. O psicodrama surge propondo o coletivo onde se impunha o isolamento, o grito onde o medo exigia silêncio e paralisia. Ele aceita a sua vocação política embora tenha um grande espaço terapêutico [...]. No psicodrama, a plateia e os artistas se confundem, o texto

1. Organizados por Marisa Greeb e equipe.

2. Esse mesmo texto foi publicado mais tarde em livro organizado por Ronaldo Pamplona. Conferir Cesarino, 2001b.

surge na hora e o drama é o drama do grupo presente. Isso é a concretização, simbólica e com a força emocional da dramatização de que o drama de cada um depende de um pensar e atuar coletivo.

Depois da realização daqueles psicodramas na cidade de São Paulo houve uma descoberta de que o espaço público não é só um espaço de passagem. Ele nos pertence pode ser um espaço de encontro e convivência.

Mais adiante, em contato com o psicanalista Leopoldo Nosek, na época presidente da Associação dos Amigos do Centro Cultural São Paulo, surgiu uma proposta para a realização de psicodramas públicos nesse espaço. Inicialmente, o projeto foi organizado por mim e por uma equipe: Cida Davoli, Murillo Viotti e Ricardo Florez. O projeto, que existe há dez anos, tem sido dirigido por um grupo maior³. Esses psicodramas vêm acontecendo na sala Adoniran Barbosa do mesmo centro⁴.

A transcrição do meu artigo da *Folha de S. Paulo* visa reafirmar a motivação que orientou o início e a continuação desse trabalho perseverante que se repete todas as semanas. É importante lembrar que nenhum dos psicodramatistas responsáveis pela manutenção desse trabalho é remunerado.

O mote do psicodrama propondo o coletivo, o encontro sem reticências, a aproximação entre pessoas que em outras circunstâncias não se encontrariam, colocando a dimensão emocional e afetiva nesse contato, é um movimento na direção de perceber a possibilidade de tentar assumir a própria cidadania.

Ao longo desses anos, são realizados todos os sábados pela manhã sessões de psicodrama público. Vale salientar a grande persistência na busca da criação de eventuais focos de reflexão que se difundam para os diferentes grupos aos quais pertencem esses frequentadores. Muitos deles não teriam, não fosse esse trabalho, oportunidade de pensar e discutir aspectos da própria existência (concreta ou subjetiva) e da intensa ligação de sua vida com o social onde estão mergulhados, quase sempre sem ter clara essa percepção.

3. André Dedomenico, Claudia Fernandes, Cida Davoli (coord. – Gestão 2003-2010); Marcia Baptista, Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler, Milene S. Féo, Pedro Mascarenhas, Regina Fourneaut Monteiro (coord. – Gestão 2011-2013); Rosane Rodrigues, Terezinha Tomé Batista, Valéria Barcellos.

4. Nessa sala aconteceram, em tempos passados logo após o fim da ditadura, manifestações culturais e políticas importantes, como um julgamento simulado de figuras da política de saúde pública da época em torno da discussão sobre o hospitalocentrismo como orientação principal para o tratamento da doença mental. Essa sala terminou sendo a sede quase oficial do psicodrama público que na maior parte das vezes é aí realizado. Pois foi ali também que em 2001, no dia do Psicodrama da Cidade, dirigimos (Antonio Lancetti e eu) um trabalho psicodramático com cerca de 600 pessoas, a maioria jovens que se preparavam para servir na Guarda Civil Metropolitana. Atuaram nesse psicodrama os egos-auxiliares Haroldo Pedreira, Valéria Nador, Jussara Borges Viana, Ana Luiza Monteiro de Barros, Elisa Ayako Shirasu, Ivone Iume Murakami, Luisa Franco, Maria Lúcia Amorim, Silvia Rocha, Rosângela Gomes de Souza, Walter Pereira e Cristina Rocha, divididos em egos de palco e egos de plateia.

Neste livro são apresentados relatos de algumas sessões realizadas nos últimos tempos, trazendo um testemunho do momento atual, em que se inclui a aceitação tranquila, generosa e consciente da diversidade, tanto dos elementos da plateia como dos próprios coordenadores de cada ocasião.

Há um grupo razoável de frequentadores com presença assídua. Há outro grupo flutuante que comparece sem regularidade. E há as pessoas que vêm por curiosidade, por acaso. Claro que nem todos têm a mesma expectativa.

Mas é aí que se dá algo aparentemente “mágico”: quando o trabalho começa a acontecer, quase todos se envolvem e surge o desejo de participar de alguma forma. Muitos se transformam e passam a ser de alguma maneira atores, seja no palco, seja na plateia. A participação emocional é cada vez mais intensa e, aos poucos (ou subitamente), as pessoas se igualam na busca de algo que não sabiam estar buscando: o pertencer, o estar junto, o falar com o outro até então distante. Pode-se “existir” livremente por algum tempo e ser alguém que é visto, com quem se pode falar e a quem se ouve.

Há muita coisa para repensar sobre a prática tão longa do psicodrama público. Não existe essa intenção no momento. O que gostaria aqui é de lembrar, de maneira sucinta, o mote inicial de nossa prática: ter presente sempre, por meio do trabalho realizado, a lembrança de que se pode caminhar na direção de se avizinhar da compreensão do que seria cidadania, sem deixar de ter a consciência de que ela pode ser limitada (ou até descartada) em função da organização de uma sociedade dita liberal (ou capitalista). Sabemos que as relações de mercado em nosso momento histórico são colocadas acima da cidadania. Assim, existe uma inversão: a cidadania deve ser o fim e a economia deve ser o meio, não o contrário. A inserção em alguma forma de trabalho é quase a única condição para ser aceito ou considerado. Isso leva facilmente à precariedade dos laços entre as pessoas, que são “classificadas” automaticamente quanto à sua “contratualidade” (isto é, o seu poder de influir na natureza de suas relações com os outros e com as instituições). Caminhar para a cidadania é caminhar para a liberdade e a igualdade de todos.

Mesmo em situações que pareçam “apenas” terapêuticas, é preciso lembrar (e não só no trabalho com grupos) que todas as questões estão de alguma forma ligadas ao social. Por exemplo um conflito conjugal visto dentro de um contexto maior (seja do grupo presente ou do grupo “interno” das pessoas) revelará sempre valores, preconceitos, conformismos etc. Veremos tudo ligado ao coletivo, mesmo quando ele parecer ausente. É importante (talvez a parte mais desalienadora do trabalho psi) não deixar esse aspecto de lado; seria uma tarefa incompleta, talvez até prejudicial.

Referências bibliográficas

- CESARINO, A. C. “Psicodrama na rua”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 7 maio 2001a, Opinião.
- _____. “Psicodrama na rua”. In: COSTA, Ronaldo Pamplona da (org.). *Um homem à frente de seu tempo: o psicodrama de Moreno no século XXI*. São Paulo: Ágora, 2001b, p. 205-9.

APRESENTAÇÃO – ERA UMA VEZ

Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler e Regina Fourneaut Monteiro

É maravilhoso podermos realizar este sonho, um encontro mágico com as demandas sociais que pedem transformações, encabeçado pelas trajetórias singulares dos queridos e competentes psicodramatistas Marisa Greeb e Antonio Carlos Cesarino.

Era uma vez, há dez anos, o início de tudo, no Centro Cultural São Paulo (CCSP). A partir daí, surgiram muitas histórias. Agradecemos especialmente à Divisão de Ação Cultural Educativa do CCSP, responsável direta pela parceria institucionalizada com o grupo de psicodramatistas que coordena esse projeto e transformou seus trabalhos em capítulos aqui apresentados; aos usuários que frequentam o espaço e se dispuseram a dar ricas contribuições a este livro; e aos psicodramatistas que implementaram projetos semelhantes em outros espaços públicos.

Mexendo e remexendo no baú das muitas histórias cocriadas, *o que nos inspirou? Como estamos realizando tal façanha? Para quê*, afinal? Os textos aqui apresentados nos trazem as respostas. A produção reflexiva baseada nas práticas pode ser pensada por intermédio desses vértices e sobre eles teceremos nossa apresentação. Mesmo que todos os artigos possam traduzir os objetivos, os caminhos para atingi-los e a finalidade dos psicodramas em espaços públicos, cocriamos os três grandes grupos de artigos pelo foco que eles iluminam.

Assim, partindo da pergunta “O que nos inspirou?”, que permeia os objetivos do nosso trabalho em espaços públicos, surgiram os seguintes textos:

Em “Parece mágico. É que a vida é mágica: envolve, contagia e transforma”, vê-se que do encontro brotam relações sem fronteiras e surgem os frutos colhidos, que são carinhosamente aqui relatados.

No capítulo “Em cena – Tempos de cuidar...”, surgem os companheiros que constroem um novo olhar sobre a vida.

Já “Morte e tragédia pública – Sociodrama construtivista de desastres com EMDR” fala do sofrimento, da dor e do descuido público dos quais nascem feridas individuais e coletivas que clamam para ser tratadas.

“Psicodrama público – O trabalho nos dias de hoje” vai do estresse à mudança, do renascimento à criação.

“O que é psicodrama público? Reflexões sobre uma prática em Campinas e em Cuba” apresenta sincronidades entre instituição e comunidade, entre congressistas e trabalhadores, além do papel corresponsável dos atores sociais envolvidos.

Em “O que me protege é também o que me faz sofrer” o acontecimento psicodramático e a reflexão sobre ele caminham juntos, tecendo ao mesmo tempo a dor individual e grupal e revelando que o aconchego em excesso gera feridas e sofrimento.

Até aqui, os textos circunscrevem os objetivos dos trabalhos em espaços públicos, pois oferecem uma possibilidade de terreno fértil para a saúde individual e coletiva, saindo da esfera do paradigma dominante que foca o individualismo e a separação das classes. Por outro lado, também proporcionam um espaço de resistência cultural que permite a convivência em oposição ao isolamento, tecendo uma corresponsabilidade entre todos os atores envolvidos.

Já para responder à pergunta “Como estamos realizando essa tarefa?” surgiram os seguintes textos:

Em “Preço e/ou apreço – Jornal vivo como dispositivo ou contradispositivo?” refletimos sobre a possibilidade de a metodologia sacionômica ser um desencadeador de múltiplas ações e consciências sobre os conteúdos instituídos que nos atravessam: um caminho do micro – nosso cotidiano – ao macro – social.

“A dramaturgia no psicodrama” nos inspira para as ressonâncias diretor/coordenador/unidade funcional/plateia/ator/dramaturgo/teatro/dramaturgia, todos envolvidos no processo de cocriação, dando visibilidade ao caminho que ilumina cada passo.

“Um maestro cênico ou diretor de psicodrama público” foca a função do diretor como um regente de orquestra que abre possibilidades para todos os instrumentos presentificados.

Em “Ítacas – Uma experiência psicodramática pelos espaços do Centro Cultural São Paulo”, flutuando pelos espaços, as cenas acontecem e desencadeiam a dramaturgia, nos contando da possibilidade da multiplicação do método.

“Preparo para a ação dramática – ‘Aquecimento’” vai do jogo à criança, fazendo um resgate do brincar, do *Homo sapiens* ao *Homo ludens*.

Em “Etapa de comentários – O exercício do pensamento em *status nascendi*”, a necessidade do pensamento crítico engendrado pelas reflexões sobre a prática ilumina o caminho do autor, complementando seu caminho, vivenciado no contexto dramático; seu enfoque integra ação e pensamento na contemporaneidade, saindo das prisões instituídas.

Esses capítulos nos contam sobre as possibilidades de a metodologia sacionômica desencadear posturas desalienadas e desalienantes, da perspectiva dos diretores, ou da comunidade presente, compatível com os objetivos do projeto.

Por fim, quanto à pergunta “Para que, afinal, estamos produzindo psicodramas em espaços públicos?”, nasceram os seguintes textos:

“A utopia moreniana no Centro Cultural São Paulo” fala da busca de transformações sociais como um *devoir* da humanidade e dos atos socioterapêuticos que encarnam esse *devoir* – homem sem fronteiras/transformador.

“O sociopsicodrama público como prática de liberdade” nos convoca a pensar sobre a definição do conceito de liberdade. Ele supõe limites na responsabilidade? Afinal, os espaços públicos não teriam, por excelência, a finalidade de garantir e proteger o discurso cocriado como possibilidade libertária, criando, assim, novas referências?

“A materialidade política do sonho” também aponta para a finalidade do nosso projeto, pois nos encaminha para a dimensão política que atravessa as ações instituídas.

“Segurança alimentar e sustentabilidade – Quem sobreviverá?” se ocupa do meio ambiente, do verde e do respeito à natureza, um celeiro a ser revisitado para uma nova sobrevivência, na qual os atores sociais possam se transformar em autores do processo.

“Tempo, sonho, trabalho e reencantamento – Temporalidades psicodramáticas para a contemporaneidade” aborda a possibilidade de novas experiências do tempo como uma finalidade que visa ao tempo criador; afinal, nossos trabalhos em espaços públicos não precisam do caráter de negatividade do tempo criativo?

Assim desenhamos a trajetória deste livro, esperando que o leitor possa acompanhar ativamente os objetivos aqui pontuados, os caminhos para alcançá-los, as finalidades do projeto tão caro a todos nós e, quem sabe, se aquecer para criar outros desdobramentos.